



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

DE LEGGINGS À LUTA: A CONSTITUIÇÃO DO COLETIVO FEMINISTA MARIA BADERNA NO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA – IFBA

Rafael Bomfim Souza; Taise de Jesus Chates; Mirela Santiago Santos.

UNEB, rafabomfims@gmail.com; IFBA e PPGAS/UFSCar, chates@gmail.com; UFBA,
mirela.santiago@hotmail.com.

Resumo: Um contexto com situação de assédios e uma escola. Infelizmente, nada de incomum nessa descrição genericamente. Porém, um grupo de estudantes do 1º ano do ensino médio integrado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia -IFBA campus Camaçari, resolveu, por livre iniciativa, juntamente com estudantes de outras turmas, criar um coletivo feminista, após algumas estudantes terem retornado de um Congresso Estudantil com um grande acúmulo de discussões sobre as questões de gênero e o feminismo. O Coletivo Maria Baderna foi construído no ano de 2013 e contou com a participação de adolescentes do gênero feminino, masculino e com identidade trans e causou uma reviravolta na escola. Este texto tem como perspectiva apresentar, em linhas gerais, a trajetória do Coletivo, bem como realizar, a partir da experiência do mesmo, problematizações acerca do tratamento sobre as relações de gênero em contexto escolar. Além da utilização de registros documentais, a aplicação de questionários e a realização de entrevistas serão a base metodológica de construção deste trabalho. Por fim, mas não menos importante, destacamos que o texto tem a autoria de uma estudante, um estudante que fizeram parte do Coletivo e de uma professora que acompanhou de perto a atuação do grupo, assim tendo a experiência como elemento constitutivo do trabalho.

Palavras-chave: Feminismo, interseccionalidade, contexto escolar.

DE LEGGINGS À LUTA: A CONSTITUIÇÃO DO COLETIVO FEMINISTA MARIA BADERNA NO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA – IFBA

Rafael Bomfim Souza; Taise de Jesus Chates;
Mirela Santiago Santos.

UNEB, rafabomfims@gmail.com; IFBA e
PPGAS/UFSCar, chates@gmail.com; UFBA,
mirela.santiago@hotmail.com.

Resumo: Um contexto com situação
de assédios e uma escola.

Infelizmente, nada de incomum nessa descrição genericamente. Porém, um grupo de estudantes do 1º ano do ensino médio integrado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia -IFBA campus Camaçari, resolveu, por livre iniciativa, juntamente com estudantes de outras turmas, criar um coletivo feminista, após algumas estudantes terem retornado de um Congresso Estudantil com um grande acúmulo de discussões sobre as questões de gênero e o feminismo. O Coletivo Maria Baderna foi construído no ano de 2013 e contou com a participação de adolescentes do gênero feminino, masculino e com identidade trans e causou uma reviravolta na escola. Este texto tem como perspectiva apresentar, em linhas gerais, a trajetória do Coletivo, bem como realizar, a partir da experiência do mesmo, problematizações acerca

www.redor2018.sinteseeventos.com.br



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Dilemas da C.A.P.A.

do tratamento sobre as relações de gênero em contexto escolar. Além da utilização de registros documentais, a aplicação de questionários e a realização de entrevistas serão a base metodológica de construção deste trabalho. Por fim, mas não menos importante, destacamos que o texto tem a autoria de uma estudante, um estudante que fizeram parte do Coletivo e de uma professora que acompanhou de perto a atuação do grupo, assim tendo a experiência como elemento constitutivo do trabalho.

Palavras-chave: Feminismo, interseccionalidade, contexto escolar.

Introdução

Este texto foi escrito com o desejo de compartilhar com o mundo, em especial com as mulheres, um pouco do que foi a experiência do Coletivo Maria Baderna, que existiu no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA/Campus Camaçari, Bahia, Brasil, entre os anos de 2013 e 2015. Desejamos no aproximar ao máximo da poeticidade que o Maria Baderna apresentou ao longo da sua existência, desejamos compartilhar um pouco das percepções que nos fazem acreditar na necessidade de fazer do mundo um lugar mais acolhedor, pelas que lutaram, pelas que lutam e pelas que lutarão por isso.

Este é um texto produzido por três pessoas, uma mulher, estudante egressa do IFBA-Camaçari, que participou do Maria

Baderna e hoje estuda ciências sociais na Universidade Federal da Bahia; um homem, estudante egresso do IFBA-Camaçari, que participou do Maria Baderna e hoje estuda direito na Universidade do Estado da Bahia e; uma mulher, professora de sociologia do IFBA-Camaçari e antropóloga, que acompanhou com proximidade a trajetória do grupo.

Aqui na introdução, apresentamos algumas escolhas adotadas para que o texto fique o mais próximo possível do que desejamos. Uma delas é de se referir às pessoas que participaram do Coletivo Maria Baderna no gênero feminino. O Coletivo contou com a participação de adolescentes do gênero feminino, masculino (heteros, gays e bissexuais) e de identidade trans, porém, a criação do grupo, assim como sua composição era majoritária, foi de adolescentes do gênero feminino, por isso a escolha por essa demarcação na escrita.

Como base para a escrita, utilizamos entrevistas com integrantes do Coletivo, informações presentes na página do Coletivo no Facebook, vídeos postados no Youtube, documentos institucionais, assim como memórias nossas sobre o que vivenciamos em torno do Coletivo Maria Baderna ao longo da sua existência. Não hierarquizamos as diferentes fontes, optamos por utilizá-las de maneira complementar, com o ensejo de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

apresentar pontos e não uma verdade documental como mais verídica.

Optamos por apresentar o texto de maneira mais aconchegante, nos aproximando, na medida do possível e que conseguimos, da forma de gênero literário, assim trazendo para o texto um pouco do calor que a existência do Coletivo Maria Baderna proporcionou aos nossos dias. Por isso, optamos por apresentar um texto corrido, inserindo relações e discussões acerca dos dados e referências em autoras feministas ao longo do mesmo. Por fim, apresentamos algumas percepções sobre o grupo, suas concepções e práticas ao longo da sua trajetória, bem como sobre o processo de escrita deste texto.

Sobre dores e delícias na trajetória de um coletivo feminista de adolescentes auto organizado

O ano era 2013, o local era o Campus Camaçari do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA, o clima era de ânimo após a volta de algumas estudantes do III CONES (Congresso Estudantil do IFBA), que havia sido na cidade de Barreiras, na Bahia, no espaço do próprio Campus do IFBA na cidade. Como de

costume, a organização do Encontro fora realizada pelo próprio corpo estudantil, assim como os temas que mais importavam escolhido por estudantes. Escolheram se debruçar sobre as relações de gênero e acolher um conjunto de inquietações de estudantes de vários lugares do estado da Bahia. Embora o Campus Camaçari tivesse uma fama de espaço combativo entre os trabalhadores e trabalhadoras do IFBA, o mesmo não acontecia quando o assunto era o combate ao machismo e às violências de gênero na escola. A criação de um GT de gênero no CONES de Barreiras e a volta das estudantes trouxe um sopro de empolgação para enfrentar um conjunto de angústias que, infelizmente, eram comuns para as adolescentes. As demandas se apresentaram na ausência de voz das estudantes nas decisões do campus, das violências sofridas pelas estudantes no contato com alguns professores - sobretudo os docentes de disciplinas técnicas, fatos que motivaram a ânsia de buscar democracia dentro do campus.

Ansiosas para transformar a realidade opressora em que viviam, as estudantes organizaram a primeira intervenção. Resolveram colar cartazes na escola com os textos que ouviam corriqueiramente, ao caminhar pelas ruas, ou pelos corredores da escola.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas de Gênero

A partir dos sentidos construídos pelas participantes do Coletivo, as conversas e acordos levaram a ter como guia a desconstrução de hierarquias entre elas. Eram frequentes os debates acerca de uma série de temas políticos, desde os princípios do anarquismo até a corrente do feminismo na qual se reconheciam. Decidiram que não teriam representantes fixas, mas sim pessoas responsáveis em cada atividade que encampavam coletivamente. Perceberam que a bandeira do feminismo interseccional era a que mais se aproximavam, pois, entre as concordâncias e discordâncias que tinham no grupo, era consenso que tinham a perspectiva de abarcar as diversas questões, relacionadas aos diversos grupos e diferentes “minorias” em suas ações e discussões. Akotirene (2018: 14) nos diz que a interseccionalidade busca nos dar instrumentos teórico-metodológicos para não separar os elementos estruturais do racismo, capitalismo e do cisheteropatriarcado. Enquanto o grupo era menor em quantidade de participantes, mas não em importância, as ações e discussões vinham fluindo em uma dinâmica mais fluida. Mas, o grupo foi tomando uma dimensão imprevista, foi recebendo manifestações de apoio e rechaço de muitos, agradando, acolhendo e provocando um certo medo nas estruturas com as quais tinha contato. Esse aumento trouxe receios para as “meninas do

Maria Baderna”, como eram conhecidas. Elas viam no feminismo e na organização política legados com os quais deveriam contribuir de maneira responsável. Para elas, era necessário encampar um processo de formação política para refletir sobre os passos que dariam, sobre as ideias que difundiriam. Com o desejo que tinham de transformar o mundo e sem lidar com a condição de serem adolescentes, estudantes de ensino médio, como uma limitação, elas escolheram, ao longo do tempo, temas que julgavam necessário estudar e foram elegendo os que seriam prioridade. Conversaram sobre anarquismo, marxismo, correntes do feminismo, como o racismo se entranha nas estruturas sociais e como machuca, principalmente, as mulheres negras. Se relacionaram com feministas negras e com pessoas de esquerda que a trajetória do grupo fez com que não só tivessem contato, mas que também fossem admiradoras. No dia quatorze de junho de 2014, lançaram na página que construíram no Facebook um manifesto que sintetizou o que consideraram mais importante que as pessoas soubessem sobre elas:



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

MANIFESTO

O Maria Baderna é um coletivo feminista radical autogerido. Lutamos por um feminismo que busque não só igualdade jurídica e constitucional entre os gêneros, mas, que defenda a autonomia do ser, a liberdade de viver fora de padrões pasteurizados homogeneizantes que apoie toda diversidade cultural e uma sociedade livre de quaisquer tipo de "outrofobias".

Negamos o padrão imposto do que é ser mulher, nos negamos a obedecer os papéis pre-concebidos que nos foi destinado. Desertamos do patriarcado para viver de forma que a nossa própria existência seja um ato de rebeldia contra esse sistema. Não mais submissão ao despotismo patriarcal!

Acreditamos que as opressões inter-relacionam. O machismo, o racismo, a homofobia, o capacitismo, a transfobia, o especismo e a xenofobia estão interligados intimamente e o fim de um só se dará com o fim de outro. Da mesma forma, apesar de vítima do machismo, uma mulher pode assumir o papel de opressora com as demais fobias. Por isso, nos declaramos interseccionais e repudiamos e pautamos o fim de qualquer tipo de preconceito

Construímos nossa militância incorporando as vozes dos oprimidos. Como tática, usamos o terrorismo poético, a arte, o fomento do debate e demais atividades que visem tirar opressores de sua zona de conforto, expor a realidade e emponderar vítimas. O discurso do Maria Baderna é composto não só das teóricas feministas proeminentes, mas da experiência viva de cada uma.

Aceitamos homens em nossa militância desde que eles entendam que não são protagonistas desse espaço e assumam função de aprendizes. Cavalheirismo machista é dispensado, o front dessa batalha é só nosso. Nos outros front e nas outras barricadas reivindicamos estar lado a lado aos nossos companheiros, nunca atrás, nunca como meras serventes. Não pedimos licença, nem permissão. As vozes de todas as rebeldes, as vozes das bruxas queimadas, as vozes das mulheres silenciadas estão vivas e ecoam através de nós.

Imagem: foto publicada na página do Coletivo Maria Baderna no Facebook em 14 de junho de 2014.

Como as flores normalmente tem espinhos, tinham tensões no grupo. As diferentes compreensões sobre as formas de lidar com as teorias que tinham contato e organizar as ações que decidiam vieram com debates acirrados. Debates que trouxeram desgastes e desnudavam questões que não eram somente das meninas do Coletivo Maria Baderna, mas da esquerda de maneira geral. Em que medida os debates, conceitos e questões mediados no facebook expressam o que acontece na "vida real"? Algumas participantes defendiam que era necessário tirar o foco da rede e priorizar ações fora dela, outras faziam da rede um local prioritário para atuação e formação. Fizeram disso um ponto de reflexão, decidiram digerir o que se apresentava como dúvida para elas. Por fim,

decidiram sair dos posts e ir para os livros, sem deixar de operar o potencial de mobilização que a internet possibilita. As "meninas do Maria Baderna" não fazia com que o fato de serem estudantes de ensino médio fosse limitação, vislumbravam conhecer o que julgavam necessário para transformar as coisas que as angustiavam. Essas angústias, não percebiam elas com tanta clareza na época, eram pesos que deviam ser carregados de maneira diferente. As dores que compartilhavam em um contexto escolar deveria ser tema de cuidado pelo corpo profissional da escola. Chegaram a compartilhar e acolher, entre elas, experiências doloridas, daquelas que seres que estão em processo formativo devem ter suporte das pessoas que costumamos chamar de adultos para lidar. Dos assédios a situações de violências familiares, essas questões eram compartilhadas por elas, elas por elas.

No *campus* do IFBA onde estudavam, conviviam e atuavam, sempre houve momentos de tensões e divergências entre a gestão escolar e os estudantes de modo geral. Um desses problemas foi a polêmica que surgiu em torno do fardamento escolar obrigatório. A escola exigia que o fardamento fosse composto pela camisa da instituição, calça jeans e sapato fechado. Todavia, o IFBA *campus* Camaçari está localizado em região litorânea e numa distância de 40km de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Salvador, capital do Estado da Bahia, e em períodos de alta estação (primavera/verão), a temperatura tende a subir na região, ultrapassando muitas vezes os 30°, o que faz com que o uso de determinados tipos de roupas gerem situações de grande desconforto. Diante disso, muitas meninas passaram a frequentar a escola com calças estilo leggings, pois estas proporcionavam conforto e reduziam a sensação de calor. A partir dessa situação, a escola tentou intervir na padronização do fardamento no sentido de proibir o uso dessas calças sob a alegação de que seriam inadequadas e, sobretudo, que muitos docentes do sexo masculino estavam alegando que ficavam desconcentrados quando as alunas, em sala de aula, usavam esse tipo de vestimenta.

Como nada passava despercebido diante dos olhares das “meninas do Maria Baderna”, elas logo sentiram que a situação que os professores alegavam estar passando era mais uma situação de sexualização do corpo das alunas, do que um simples desconcentramento. Mesmo com a tentativa da escolar de vetar o uso daquele tipo de roupa, as meninas resistiam e continuavam a frequentar a escola com as leggings. Até que com a sinalização, por parte da direção, de que não seria mais permitido a entrada na escola com leggings, as alunas se articularam através do coletivo Maria Baderna e, em

massa, agendaram um dia de aula onde todas as meninas iriam de leggings como forma de protesto contra a proibição. Essa movimentação obrigou a direção da escola a recuar de suas posições e ficou conhecida como a “revolta das leggings” do IFBA Camaçari.

Havia também espaços de debate, formação e incentivo a estudos dentro do próprio coletivo. Um desses espaços era uma espécie de biblioteca do Coletivo Maria Baderna, conhecida como “Badernoteca”, onde eram disponibilizados para empréstimo, sem nenhum controle ou prazo para devolução, pequenos textos, folhetos, zines e caderninhos voltados a formação e discussão sobre construção de espaços autônomos e autogestão, numa linha teórica que muito se aproximava do anarquismo. Os materiais ficavam expostos alguns dias na semana em algum corredor da escola e os estudantes poderiam pegar algum que os interessasse e levar para leitura, com o compromisso de devolver após o uso para que outros também tivessem acesso ao conteúdo.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas



Imagem: Foto publicada na página do Coletivo no Facebook reunindo imagens do ato virtual do 8 de março de 2014.

Também havia espaços de debate e conversa onde as integrantes do coletivo discutiam temas diversos, propostas de intervenção e estudavam textos teórico-políticos, a maioria com ideias próximas às teorias anarquistas. Todavia, o método de estudar textos não era aceito por alguns membros, que enxergavam como uma atividade acadêmica demais. Conforme nos relata uma estudante que construiu o Maria Baderna e era vista como uma liderança no Coletivo, discussões teóricas de caráter marxista nunca havia sido pauta coletiva interna, mas que muitas das integrantes do Maria Baderna faziam suas próprias leituras e estudos individualmente. Uma das primeiras experiências de estudos coletivos foi com textos de autoria do sociólogo e filósofo brasileiro Nildo Viana que versavam sobre questões relacionadas ao marxismo e a autogestão de espaços sociais e políticos. Essas leituras e estudos coletivos acabaram

por gerar desgastes internos no coletivo pois surgiram em um momento mais avançado da formação da maioria de parte das meninas que, naquela altura, já se identificavam com determinadas correntes teórico-políticas (como o marxismo) e apresentavam discordâncias com posições de outra parte das integrantes que tinham postura e visões de mundo divergentes.

Outro espaço de atuação coletiva das meninas foi o grêmio estudantil do campus. Em 2014, momento de auge do coletivo Maria Baderna, houve eleição para a nova diretoria do Grêmio Estudantil Primavera nos Dentes, entidade que representava os estudantes secundaristas do IFBA campus Camaçari. Algumas das meninas do Maria Baderna integraram ou apoiaram a Chapa Voz Ativa, que era composta por um grupo de estudantes que vinha se organizando durante um tempo de forma coletiva e horizontal dentro da escola e que também tinham posturas críticas a gestão escolar e ao modelo educacional que a instituição vinha conduzindo naquele momento. Nesse pleito, a referida chapa foi eleita e as meninas passaram atuar ainda mais dentro da instituição, pois o grêmio passou a ser uma espécie de parceiro do Maria Baderna. Essa proximidade entre o Maria Baderna e o grêmio estudantil, gerou outros impactos pois, quando houve um processo de perseguição



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Políticas da Escrava

política contra os estudantes do grêmio pelo fato de estes estarem fazendo oposição à gestão da escola, as meninas do maria baderna foram citadas no processo administrativo que havia sido instaurado como integrantes das movimentações políticas e protestos que estavam sendo desenvolvidos dentro do campus

Consultando Exu, divindade africana da comunicação, aquele que é Senhor das encruzilhadas e, por isso, da interseccionalidade, Akotirene (2018: 15) traz a sabedoria ancestral para falar o quanto a língua escravizada esteve amordaçada politicamente, sem beber da própria fonte epistêmica, que cruza mente e espírito. As “meninas do Maria Baderna” falaram, cantaram, poetizaram e até mesmo gritaram para comunicar os sentidos da transformação em que acreditavam, para comunicar sobre o mundo sem violências ao qual ansiavam. Plantaram diálogos e colheram processos formativos que não tinham como dimensionar enquanto viviam, nem mesmo muitas pessoas próximas. Somente a digestão que o tempo processa permitiria que os muitos olhos vissem a grandeza delas, que somente impactos tão fortes causariam reações tão amedrontadas e tão violentas, reações do tipo que vem existindo ao longo dos séculos, que buscam aprisionar corpos e sorrisos que anseiam por liberdade.

Devaneios (in)conclusivos sobre a experiência do Coletivo Maria Baderna

Não podemos deixar de nos remeter a uma questão que pareceu latente ao longo de parte da trajetória do Coletivo Maria Baderna: as fortes influências do marxismo, anarquismo e do feminismo negro. Embora, aparentemente, a opção pela interseccionalidade resolvesse as diferenças entre esses campos de concepção, é uma falsa aparência, que é derrubada em uma análise um pouco mais profunda. No enlace das questões acolhidas pelo Coletivo Maria Baderna e apresentadas por Akotirene, a relação entre gênero, raça e classe se apresentam como latentes. E nesse passo nos encontramos com Angela Davis, quando ela defende que o poder místico do racismo frequentemente emana da sua irracionalidade, da lógica de pernas para o ar. De acordo com a ideologia dominante o povo negro era alegadamente incapaz de avanços intelectuais. Afinal de contas, tinham sido um bem móvel naturalmente inferior comparado com os epítomes (todas as coisas dos) brancos da espécie humana. Mas se eles fossem realmente biologicamente inferiores, eles não teriam manifestado nem o desejo, nem a capacidade de adquirir conhecimento. Aliás,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

nenhuma proibição de adquirir conhecimento teria sido necessária. Na realidade, e obviamente, que o povo negro sempre demonstrou uma impaciência furiosa no respeito pela aquisição de educação (DAVIS, 2016, p. 110).

A impaciência furiosa das "meninas do Maria Baderna", fizeram com sua sede por transformação construísse um processo de debates e intervenções que mexeram com o cotidiano do IFBA Camaçari. O Campus não estava preparado para acolher e qualquer equívoco encontrado nas concepções e intervenções do grupo eram usadas como bode expiatório para mascarar a falta de preparo da escola para lidar com as violências que aconteciam dentro daquele espaço.

Com aproximadamente dois anos de Coletivo Maria Baderna, as divergências e o acúmulo de funções do Maria Baderna criava rachaduras dentro do coletivo. Por abarcar questões de demandas internas do campus, como demandas externas, além de questões relativas a discordância sobre a qual linha do feminismo seguir que levaram divergências sobre o norte de organização interna do coletivo. Ainda com a saída de muitas integrantes da escola, por motivos diversos, dentre eles, aprovação no ENEM, evasão, conclusão do curso, tornaram o coletivo morno, com dificuldades de se organizar internamente.

A partir daí as ações realizadas pelo coletivo, dentro e fora do campus Camaçari, se esfriaram. Ainda assim, os saldos relatados pelas estudantes que participaram do coletivo giram em torno de entender seus lugares no mundo, numa forma de se posicionarem. Para além das experiências políticas com as parceiras de coletivo, afirma-se que a motivação pessoal, inclusive estética, e relação com amigos e familiares se viu transformada pela experiência com o coletivo.

Referências bibliográficas

AKOTIRENE, Carla. O que é interseccionalidade? Belo Horizonte-MG: Letramento: Justificando, 2018.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe [recurso eletrônico]. tradução Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.